

Comunidade do Salgado em Quirinópolis- GO: lugar de memórias e do saber/fazer

*Salgado Community in Quirinópolis - GO: site of
memories and know-how*

*Communauté Salgado à Quirinópolis – GO: lieu
de mémoire et de savoir/faire*

Gladis Cabral Martins

Universidade Estadual de Goiás/UEG
gladis.martins@educ.go.gov.br

Edevaldo Aparecido Souza

Universidade Estadual de Goiás/UEG
edevaldo.souza@ueg.br

Lorraine Gomes da Silva

Universidade Estadual de Goiás/UEG
lorranne.silva@ueg.br

Resumo: O texto é parte da dissertação, em construção, a partir de uma pesquisa vinculada ao Programa de mestrado em Geografia pela Universidade Estadual de Goiás (UEG). Salgado, é uma comunidade camponesa com alto índice de parentesco, no município de Quirinópolis–GO que, apesar dos processos de modernização no campo, sobretudo aplicada à atividade leiteira, preserva uma identidade cultural peculiar, representada pelas paisagens e modos de vida no Cerrado. O texto busca, em um primeiro momento, apresentar as diferentes acepções adotadas ao conceito de lugar e como estes se articulam no Salgado. Em seguida apresenta os lugares de encontro e de memória como fundamento para afirmação da identidade cultural e pertencimento com o lugar. Para tanto,

através de pesquisas bibliográficas, documentais e visitas em campo, realizada por meio de observações e entrevistas semiestruturadas, busca levantar respostas para o entendimento quanto às estratégias pelas quais os sujeitos têm conseguido (re)existir no lugar.

Palavras-chave: Lugar. Comunidade Salgado. Quirinópolis. Relações socioculturais. Modos de vida.

Abstract: This text is part of an ongoing thesis, based on a research from the Geography Master's Program at Goiás State University (UEG). Salgado is a peasant community with a high level of familyhood, in the town of Quirinópolis, GO, which, despite of modernization processes in the countryside, especially dairy-related activities, maintains a unique cultural identity, represented by landscapes and lifestyle in the Brazilian Cerrado. In the first place, our text seeks to introduce different meanings regarding the concept of site itself and how they are articulated in Salgado. Afterward, we introduce the sites meant for gathering and memory as a foundation for cultural identity affirmation and belonging to the place. In this context, through bibliographic and documental research and field visits, carried out through observations and semi-structured interviews, we seek to raise answers so as to understand the strategies that enable subjects to (re)exist in that place.

Keywords: Site. Salgado Community. Quirinópolis. Sociocultural relationships. Lifestyles.

Resumén: Le texte fait partie de la thèse, en construction, basée sur des recherches liées au programme de maîtrise en géographie de l'Université d'État de Goiás (UEG). Salgado est une communauté paysanne avec un haut niveau de parenté, dans la municipalité de Quirinópolis – Goiás qui, malgré les processus de modernisation du paysage, notamment appliqués à l'activité laitière, préserve une identité culturelle particulière, représentée par les paysages et les modes de vie dans le Cerrado. Le texte cherche, dans un premier temps, à présenter les différentes significations adoptées au concept

de lieu et comment celles-ci s'articulent chez Salgado. Il présente ensuite les lieux de rencontre et de mémoire comme argument d'affirmation de l'identité culturelle et de l'appartenance au lieu. Pour cela, à travers des recherches bibliographiques, documentaires et des visites sur le terrain, réalisées à travers des observations et des entretiens semi-directifs, l'étude cherche à apporter des réponses pour comprendre les stratégies par lesquelles les sujets ont réussi à (ré)exister dans le lieu.

Palabras clave: Lieu. Communauté Salgado. Quirinópolis. Relations socioculturelles. Mode de vie.

Introdução

A Geografia, assim como as demais ciências vale-se de categorias de análises para fundamentar os estudos de um objeto ou fenômeno. Desse modo, os principais conceitos que orientam o processo analítico de um determinado recorte espacial são: paisagem, região, lugar e território. Para tanto, na ciência Geográfica, esses conceitos são considerados basilares, logo, permitem ao pesquisador fazer a leitura do espaço e, a partir destes compreender a realidade estudada.

Dentre as categorias mencionadas, nos ocuparemos em discorrer, neste texto, sobre o conceito de “lugar”, no qual, em um primeiro momento, pretende-se elucidar as diferentes acepções adotadas por alguns pesquisadores para o entendimento da realidade espacial, em seguida, aplicar esse conceito à ideia de pertencimento de um determinado espaço chamado Salgado, a partir da leitura de lugar sob o viés fenomenológico, ou da Geografia Cultural. O texto é parte da dissertação que está sendo construído a partir de uma pesquisa vinculado ao Programa de mestrado em Geografia pela Universidade Estadual de Goiás (UEG), Campus Cora Coralina.

A comunidade do Salgado apresenta-se como um lugar que reflete nos lugares as especificidades de uma ruralidade presente na reprodução dos modos de vida em uma área inserida no município de Quirinópolis-GO. A economia de Quirinópolis é sustentada pelo agronegócio, com destaque ao mercado sucroalcooleiro implementado em 2005, no entanto, há um número considerável de pequenas propriedades que mantêm uma produção familiar com modos de vida camponesa.

Alguns pontos de referências que se destacam são a Escola Municipal Rural Custódio Antônio Cabral e a Igreja São Francisco de Assis, a venda Cinco Irmãos e o campo de futebol e ainda o cemitério. As atividades vinculam-se à produção leiteira; atividades culturais, modos de sociabilidades e religiosidades que se perduram no tempo e no espaço.

A maioria das famílias da comunidade por estarem ligadas por laços consanguíneos, que, de certa maneira, associam-se com a posse da terra e, por conseguinte, no estabelecimento dos modos de vida, definem contornos específicos que ultrapassam os limites visuais. Desse modo, é constituída

basicamente por famílias pertencentes ao mesmo tronco genealógico das famílias pioneiras da região. Por tanto, as experiências e a ancestralidades são mecanismos vitais que sustentam o devir, cuja contemporaneidade insiste em contestar.

Do conceito de lugar aos lugares na Comunidade do Salgado

Leite (1998, p. 9) afirma que "o conceito lugar tem sido alvo das diversas interpretações ao longo do tempo e entre os mais variados campos do conhecimento". Nessa mesma direção, Souza (2013) afirma que há inúmeras acepções do termo "lugar", sendo algumas delas mais vagas e outras mais consistentes.

Na abordagem Geográfica, o conceito de lugar ganha novos contornos e admite ultrapassar o espaço, isso significa acessar uma realidade não racional ou não objetiva, ou seja, abre possibilidades para interpretação de um recorte espacial sob o viés da perspectiva humana.

Sob o viés positivista o termo "lugar" é usado para definir uma porção do espaço, um ponto de localização de objetos, ou um lugar que alguém se encontra. Entretanto, para Relph (1979, p.16-17) o "[...] lugar significa muito mais que o sentido geográfico de localização. Não se refere a objetos e atributos das localizações, mas a tipos de experiências e envolvimento com o mundo, a necessidade de raízes e segurança".

Sob o viés da Geografia Crítica, conforme Carlos (2007) e Santos (1988; 2006). O lugar é visto como espaços de vivências e relações humanas. Carlos (2007) afirma ser,

[...] produto das relações humanas, entre homens e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido, o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora produzindo a identidade, posto que é aí que o homem se reconhece porque é o lugar da vida (Carlos, 2007, p. 22).

A autora, ao dar destaque ao lugar como produto de uma relação, admite considerar que este se constitui de simbolismos e representações fortes o suficiente para transcender a materialidade, entrando nos níveis do afeto e da percepção, que se constitui ao longo da construção da vida. Dito de outra forma, o lugar, “é o espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo” (Carlos, 2007, p.17). Entretanto, afirma Carlos (2007), o lugar é visto também como reflexo do mundial, uma vez que é resultado da:

[...] articulação contraditória entre o mundial que se anuncia e a especificidade histórica do particular. Deste modo o lugar se apresentaria como ponto de articulação entre a mundialidade em constituição e o local enquanto especificidade concreta, enquanto momento (Carlos, 2007, p.14).

Segundo a autora, mesmo que sobrevenham influências do mundial no local, as particularidades ou as singularidades não são anuladas, os conteúdos são apenas redefinidos e novos sentidos atribuídos na prática da vida cotidiana como consequência da articulação entre o de fora e o de dentro. “É preciso levar em conta que a história tem uma dimensão social que emerge no cotidiano das pessoas, no modo de vida, no relacionamento com o outro, entre estes e o lugar, no uso” (Carlos, 2007, p.20). Portanto, podemos apontar a dimensão histórica como um elemento relevante, na medida que o tempo se faz presente no fluxo contínuo da vida.

As dimensões históricas estão presentes no discurso de Santos (2006) ao sinalizar que as técnicas sustentam o lugar, tendo em vista que neste há uma “[...] operação simultânea de várias técnicas, por exemplo, técnicas agrícolas, industriais, de transporte, comércio ou marketing [...]” (Santos, 2006, p.32). Na visão do autor, o lugar atribui às técnicas um sentido histórico de uso, que é incorporada na vida da sociedade, que as manobram sobre um território. Nessa concepção, cada técnica possui uma história, seja ela mundial, regional ou local, ainda representa um elo entre o tempo e o espaço.

Ao considerar a mundialização, Santos (1988, p. 13) admite que “quanto mais os lugares se mundializam, mais se tornam singulares e específicos, isto é, únicos”, porém interligados e interdependentes. O pesquisador condiciona o lugar à vida cotidiana e a dialética existente na relação entre o local e global,

onde “cada lugar é, ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de uma razão local, convivendo dialeticamente” (Santos, 2006, p.231). Para tanto, Santos (2006), define o lugar como um:

[...] quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade (Santos, 2006, p.218).

O autor nos leva ao entendimento de que o lugar é expressão do global, portanto, um lugar imerso de significação produzidas no discurso da vida, e por vezes contraditórias. Nesse entendimento, a comunicação segundo Santos (2006), destaca-se, como um elemento relevante, haja vista que o diálogo entre as mais variadas instâncias, instituições e aspectos da vida social, oportunizam novas dimensões ou espaços, que localmente vivido garante o diálogo de todos os elementos, num plano maior, ou seja, mundialmente.

Na Comunidade do Salgado tais concepções ganham sentido, haja vista que apesar de ser um lugar culturalmente enraizado, adaptações e ressignificações são perceptíveis no plano vivido. Para continuar existindo e se reproduzindo naquela terra, os camponeses dialogam com elementos e instituições. Os camponeses vivem uma espécie de passado e presente, no bojo das dinâmicas produtivas e culturais. Ao mesmo tempo que preservam práticas e valores tradicionais, incorporam mudanças causadas pela modernização.

Segundo Ferreira (2000), a mundialização dos lugares é promovida pelos próprios lugares, por meio de estratégias que objetivam dar-lhes visibilidade, principalmente com a criação de imagens, tornando-o específico e/ou singular, de modo que possa atrair consumidores e investidores. Esse processo, de acordo com Ferreira (2000), envolve a acumulação de capital e ações que interligam os lugares, e como resultado do capitalismo contemporâneo, os lugares surgem como possibilidade de as pessoas se apegarem, mesmo que o tempo não proporcione intimidade e familiaridade.

O Salgado está embutido nesse processo, pois são as especificidades (física e social) que lhe confere visibilidade. Essa imagem, entretanto, atrai

instituições, projetos políticos e pessoas interessadas em lazer. Os camponeses ao mesmo tempo que participam desse processo, por meio da divulgação dos eventos (jogo e baile) por exemplo, criam lugares como a igreja, a escola, o campo de futebol, a venda e o cemitério, que permitem manter os costumes e tradições, uma forma de reafirmar os laços familiares e o pertencimento ao lugar “comunidade”.

Para uma reflexão que concentra esforços nos processos vividos, a Geografia Cultural tem uma leitura diferente para o conceito de lugar. A preocupação dos geógrafos humanistas que atuam sob os princípios fenomenológicos é buscar compreender o lugar a partir das vivências e experiências dos sujeitos, arraigados no campo dos sentimentos e dos simbolismos. Eis, textualmente, as ponderações de Suess e Ribeiro (2017):

[...] o lugar em Geografia, entre várias contribuições, é um reflexo da fenomenologia, pois é o principal conceito geográfico que parte do vivido das pessoas, que garimpa o significado real das coisas antes mesmo de qualquer formulação teórica. Trata-se de um conceito que não diz apenas do mundo concreto, ou por outro lado, do mundo subjetivo, ele é um meio termo entre esses dois polos, ele capta o mundo vivido que tem como base o mundo físico, mas também envolve a subjetividade e intersubjetividade dos seres atuantes nele (Suess; Ribeiro, 2017, p.10-11).

As ideias de Relph (1979) nos permitem inferir que o lugar analisado pela ótica da experiência pode ser caracterizado pelas relações estabelecidas entre os sujeitos e o meio natural ao longo da história, tornando-o “lugar da existência”. Ou, de acordo com Tuan (2018, p.5) “[...] um centro de significado construído pela experiência”, e, por extensão, um forte elemento de comunicação e de linguagem, que por sua vez não deve ser reduzido a um símbolo (Holzer, 1999). Nessa linha de raciocínio, a obra de Yi-Fu Tuan, intitulada de “Topofilia” ganha destaque, sobretudo no contexto da Geografia Cultural. O autor aborda o conceito, a partir da percepção, das atitudes e dos valores envolvidos nas relações dos sujeitos com o meio ambiente.

Tuan dedica-se a explicar a natureza do sentimento e o papel do lugar como produtor de imagem no estabelecimento de laços afetivos. Segundo este pesquisador, “Topofilia” é o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente

físico. Difuso como conceito, vivido e concreto como experiência pessoal [...]” (Tuan, 1980, p.5).

Desse modo, este conceito é profícuo à proposta que norteia a pesquisa de mestrado na comunidade rural do Salgado em Quirinópolis. Para discorrer sobre a comunidade do Salgado, é necessário recorrer-se também ao conceito de toponímia, buscando compreender o nome de batismo dessa comunidade, no qual Brandão (2009), Tavares e Velasco (2020), Claval (2007) e Seemann (2005), assinalam a importância dos nomes e os significados fundidos neles.

Isquerdo (2008), Corrêa (2003) e Silva (2020) demonstraram que pelo nome é possível recuperar aspectos históricos e culturais do grupo social que constitui um determinado espaço, configurando, como referencial importante para desvelar a origem da comunidade. Silva (2020), acrescenta ainda que a toponímia, remete:

[...] não apenas à identificação de uma história pretérita, mas sim, a um elo fundamental da interação dos homens com o meio, de suas formas de ocupação e uso do território, assim como do estabelecimento da própria relação em seus espaços de vivência e paisagens, configurando-se, nesse sentido, como um patrimônio cultural importante dessas populações (Silva, 2020, p.292).

Ademais, essa lógica pode ser justificada pelo fato de que “[...] a ação de atribuir um nome a um lugar cristaliza diversos fatores – linguísticos, étnicos, socioculturais, históricos, ideológicos – do grupo/comunidade que habita o espaço geográfico [...]” (Isquerdo, 2008, p.34). Neste sentido, a toponímia de um lugar carrega consigo uma história, que pode derivar de diferentes proveniências que resultam em determinantes como aspectos históricos, geográficos, características do lugar ou nome de pessoas entre outros.

Seemann (2005, p.209) entende que “pelo ato de nomear, o espaço é simbolicamente transformado em lugar, que, por sua vez, é um espaço com história”, acrescenta Tuan (1983), com significados, traduzidos pelas vivências, tradições, saberes e fazeres humanos. Desse modo, pensar a toponímia, é pensar a origem e trajetória do lugar.

Não foi diferente com a Comunidade do Salgado. Não se sabe ao certo, mas as famílias entrevistadas contam que o nome da região surge no início do século XIX, em razão de um acidente de percurso com um carro de boi, às margens de um córrego existente no local. Logo, é uma narrativa originada de uma história passada pela oralidade entre os moradores do espaço da vida e da experiência, que advém do período da sua colonização, do então denominado de Salgado.

Desse modo, a denominação do topônimo Salgado, remonta à época em que era comum a utilização dos carros de bois, que constituíam basicamente em um dos meios de transporte mais utilizado da época, principalmente para o transporte de alimentos e ferramentas de trabalho, mas também da família (Figura 1). Assim, os carros de bois ultrapassavam os arredores da comunidade para buscar mercadorias em Rio Verde, Quirinópolis e no estado de Minas Gerais, e precisavam realizar travessias pelos córregos. Naquela época não dispunham de pontes, sendo necessário atravessar no leito dos córregos, muitas vezes em condições ruins, dificultando a passagem, provocando atoleiros e pequenos acidentes.



Figura 1: Carro de boi dos anos de 1980 utilizado para o transporte da família e de cargas

Fonte: Acervo da família Cabral, 2023.

Em uma dessas viagens de retorno, o carro de boi, carregado com sal, tombou às margens de um córrego, derramando todo sal em seu leito. Sugestivamente, o fato ocorrido ocasionou a denominação do córrego de “Salgado” que nasce na serra da Cachoeira (conhecida pelas famílias como serra do Salgado) e desagua no Rio Preto, passando então a comunidade também receber o mesmo nome. “Inspirada neste fato, a denominação foi assim consagrada pela tradição local e pela aceitação popular” (Martins; Rossi, 2014).

Observamos que as motivações toponímicas da comunidade estão alinhadas às características naturais e fortemente aos elementos histórico-culturais da vida desse grupo social, pois remonta a memória de fatos e acontecimentos que subsidiam a história do passado da comunidade, que se encontram guardados na memória e na imaterialidade, que compõe as relações sociais estabelecidas no lugar. Geograficamente as propriedades estão concentradas em toda extensão do córrego Salgado e Guerreiro local onde o povoamento pode ter iniciado.

Os estudos de Claval (2007), permite-nos salientar que, no caso da Comunidade do Salgado, a toponímia expressa um conjunto de significados que escrevem a história do lugar, pois abriga em seu interior as memórias, as experiências e as vivências das famílias que, por sua vez, são evocadas pelo próprio nome.

Os modos de vida, deixaram, ao longo do processo de formação do lugar, registros singulares de sua presença na toponímia, tanto que pelo nome “Salgado” é possível perceber a relação simbólica desenvolvida na época da ocupação do lugar e como essas memórias e vivências continuam a influenciar as famílias que vivem no lugar. Por isso, “ao prestar mais atenção nos nomes, será possível adquirir mais conhecimentos sobre os lugares e suas culturas vigentes” (Seemann, 2005, p.221).

Esses aspectos, fazem parte da vivência e deixam marcas na memória, cristalizando-se no tempo e no espaço por meio da identidade sociocultural dos sujeitos do lugar Salgado, logo é possível associá-lo ao meio físico e cultural, estes por sua vez refletem a toponímia.

Diante desses fatos, entendemos que o nome “Salgado” represa um signo, e como tal, carrega sentidos e significados históricos, socioculturais, econômicos e ecológicos daqueles que tecem a realidade. Por este motivo,

nosso olhar e discussões seguem, na rota de desvelar os símbolos e significados que se apresentam emaranhados às vivências no/do lugar.

Prosseguindo o construto teórico de lugar, no entendimento de Holzer (1997), o conceito está centrado na “essência” das significações produzidas pelos sujeitos, cujos veículos são: a percepção, o pensamento, memória e a imaginação. Buttimer (1985), atribui ao lugar o conceito de “mundo vivido” (*lifeworld*), ancorado na experiência pessoal, onde “cada pessoa está rodeada por ‘camadas’ concêntricas de espaço vivido, da sala para o lar, para a vizinhança, cidade, região e para a nação” (Buttimer, 1982, p. 178).

Ao considerar as palavras-chaves utilizadas por Tuan (1980), Holzer (1997) e Buttimer (1985) para definir o lugar, podemos inferir que ambos apresentam elementos semelhantes, de modo universal, intersubjetivo e incondicional para compreensão do lugar. As acepções dos pesquisadores, nos remete as indagações de Tuan (1980), ao trazer o “ser” para o contexto da análise, sob o argumento de que, apesar de possuir capacidades biológicas comuns, há variações individuais (bioquímicas e fisiológicas) e culturais que influenciam na forma como o sujeito responde ao ambiente.

O lugar vivido pelo indivíduo, está envolto de histórias, magias e simbioses, ou seja, representa uma densa trajetória, repleta de movimentos, muitas vezes não percebidas pelas pessoas, contudo, gera envolvimento, reconhecimento e forte sentido de pertencimento ao lugar (Seamon, 2013). A esse movimento, o autor chama de dança-do-lugar, que significa “[...] uma sinergia ambiental na qual homens e partes materiais involuntariamente promovem um todo maior, com seu próprio ritmo e caráter especiais” (Seamon, 2013, p.16).

Nessa concepção, “o lugar é construído, significado, recomposto e criado pelas pessoas que nele vivem” (Buttimer, 2015, p.4). Sendo assim, “o lugar é criado por seres humanos para propósitos humanos” (Tuan, 2018, p.14), de tal modo que podemos considerar as relações sociais existente no processo das relações e vivências, conferindo a ele um caráter singular, difícil de explicar (Buttimer, 2015).

A autora (2015) esclarece as dificuldades de entender o significado de lugar, enquanto espaço vivido, a partir de um ensaio próprio, e salienta que “a maioria destas experiências não é conscientemente processada na minha mente

- é por isso que é tão difícil encontrar palavras - porque este lugar viabiliza a mente e o coração, corpo e espírito, imaginação e vontade de ficar harmonizado e criativo” (Buttimer, 2015, p.10).

Nessa lógica, podemos entender a construção do lugar como um fluxo contínuo, mediado pelas relações estabelecidas, cujas respostas ou valores estão amarrados ao corpo (Tuan,1980; Buttimer, 2015; Carlos, 2007). E não é só isso. Os sentimentos pelo lugar, por sua vez são permanentes e difíceis de explicar, “[...] por ser o lar, o *lócus* de reminiscências e o meio de se ganhar a vida” (Tuan,1980, p.107). Assim, os laços afetivos pelo lugar, ao longo do tempo, ou seja, através da história construída pelas experiências vividas, são alimentados pelos sistemas simbólicos, que, herdado, também é transmitido por gerações.

Nessa ótica, Tuan (2011), aponta o tempo como um fator importante no estabelecimento de laços afetivos pelo lugar, pois quanto mais tempo vivendo em um determinado local, mais interagimos, mais conhecemos e mais significativo ele o torna em nossas vidas. Isso implica segundo o pesquisador, sentir com o corpo, por meio dos sentidos, assim sendo, é processo que requer tempo. As ideias do pesquisador, nos remete destacar que, compreender o lugar, requer uma análise específica e profunda, e está amarrado ao subconsciente de cada sujeito.

Mello (2011), corrobora com as concepções de Tuan (1983), ao enfatizar que o sentido de lugar advém das experiências, símbolos, significados e permanência, contributos que despertam sentimento de pertencimento dos sujeitos ao lugar, que por sua vez, estão intrinsecamente imbricados no acervo íntimo do sujeito ou grupo social. Para o autor, o lugar é concebido através do mundo vivido, contemplado indissociavelmente aos pertences, espaços públicos, parentes, amigos e conhecidos. Contudo, destaca que o entendimento do conceito de lugar é múltiplo, divergente, pode conter diversas escalas, haja vista que o ser humano está sempre em busca do lar, *lócus* de aconchego e segurança.

Para exemplificar, Mello (2011, p.12) cita os locais de encontros e vivências noturnas de boêmios, alcoólatras, prostitutas, pedintes, artistas entre outros, os quais podem ser considerados extensão do lar. As orações e os atos da santa missa, também revelam outra dimensão do lar, a “morada eterna”,

clamadas pelos fiéis ao fim da peregrinação terrestre. Nesse sentido, apresentaremos, mais à frente, algumas dessas extensões de lares das famílias do Salgado, sendo elas: a igreja, a escola, o bar, o campo de futebol e o cemitério.

Buttimer (2015), ao discutir o conceito, explica que o seu sentido está associado ao interesse e a perspectiva de cada sujeito. A autora aborda o termo *centramento*, para conduzir o raciocínio a partir da análise de dois pontos: *insider e outsider*. Isso implica em compreender que o lugar possui diferentes conotações a partir do ângulo que se observa. Ela continua a linha de raciocínio, inserindo mais dois elementos: *lar e horizonte de alcance*, dois movimentos que funcionam de forma recíproca. Para ela são esses horizontes de alcance ou perspectiva, que permite ir além do lar, ou melhor, do espaço íntimo qual se tem afinidade, e articular com outros espaços ou escalas maiores. Ela adverte ainda que, o horizonte de alcance depende de cada um.

O conceito se apresenta como relevante, na medida em que o diálogo abre caminhos para o entendimento dos modos de vida estabelecidos no lugar, com os seus significados e dinâmicas próprias, assim como o sentimento de pertencimento dos sujeitos com o lugar, no processo de constituição sociocultural das famílias que ali residem, representados pelo patrimônio cultural material e imaterial.

Faz-se mister sublinhar que “o lugar dispara a lembrança daquele que o vivenciaram, que compartilharam um passado comum, abrindo a possibilidade de sua compreensão para o *outsider*, através dos passados compartilhados e inscritos na paisagem cultural” (Ferreira, 2000, p.67-68). Desse modo, “o lugar é a melhor forma geográfica de conhecer os valores, os significados e os sentimentos edificados pelo homem no espaço” (Suess; Leite, 2018, p.26).

Outrossim é que as singularidades da comunidade do Salgado, objeto de discussão desse texto, podem estar atravessadas por elementos de raízes culturais, representadas pelos saberes e fazeres cotidiano, mas também estar envolto de ressignificações, condicionadas pelos processos de modernização do capital do agronegócio e sucroalcooleiro do município, o qual faz parte. Desse modo, torna-se relevante desvelar a comunidade de forma geral sob o prisma da categoria “lugar”, assim como também ressaltar alguns lugares que se configuram como locais de encontro ou de memórias para as famílias do lugar.

Os lugares de encontro e de memórias na Comunidade do Salgado: escola, igreja, venda, campo de futebol e cemitério

Com o objetivo de ofertar a formação educacional às crianças ali mesmo na comunidade do Salgado, em 1972, por meio da doação de uma área feita pelo Sr. Sebastião Pereira Cabral, ergueu-se a atual escola (Figura 2), cujo nome é homenagem ao seu pai Custódio Antônio Cabral. Essa escola, representa não só comodidade para as famílias, tendo em vista as dificuldades em relação à distância da cidade, mas também porque possui um significado simbólico para a comunidade.



Figura 2: Escola Municipal Custódio Antônio Cabral.

Fonte: MARTINS, Gladis Cabral, 2023.

Além de ser um espaço educacional, a escola possui um significado simbólico para a comunidade. É o lugar em que os pais estudaram, os filhos estudaram e agora os netos estão iniciando a vida estudantil. Para além de um

local de estudo, a escola representa o trabalho de homens e mulheres da comunidade. Uns ainda em efetivo exercício outros já aposentados.

Adentrando na escola, percebe-se que todo o espaço está repleto de memórias e vivências das famílias da comunidade. Sejam elas, nas reuniões previstas no calendário escolar ou nos eventos culturais promovidos durante o ano letivo, com maior evidência para a festa junina. Os jogos semanais na quadra denominados de “rachas” também fazem parte não só das lembranças dos que um dia ali estudaram, mas também das vivências dos jovens que ainda estudam.

Desse modo, observa-se que a escola carrega a ancestralidade e parte da existência da própria família daquele lugar. São desejos, sonhos e lutas acumulados no tempo e materializados no espaço. Portanto, as recordações são marcas que não saem da memória, motivo pelo qual a comunidade se mantém unida para garantir o funcionamento da escola junto à Secretaria Municipal de Educação de Quirinópolis.

Em 11 de agosto de 1982, ao lado da escola, mais precisamente à sua esquerda, a comunidade ergueu uma capela em homenagem a São Francisco de Assis (Figura 3). A construção da igreja representa o desejo de promover e coordenar encontros religiosos, batizar os filhos, realizar os casamentos, celebrar missas e outras rezas na comunidade.

Contudo, é preciso considerar que nos primeiros tempos, as práticas religiosas tinham um caráter de rezas populares. Em diversas ocasiões as famílias faziam procissões até o cruzeiro, se encontravam nas casas para puxar as rezas de terço, novenas e outras. “Depois do terço a turma ia dançar e todo mundo farriar, e aí, tudo era farra né?” (Entrevista I, 2023).



Figura 3: Igreja São Francisco de Assis.

Fonte: MARTINS, Gladis Cabral, 2023.

Brandão (1979, p.33), ressalta que nas comunidades camponesas essa “[...] forma popular e relativamente autônoma de crença e de prática do religioso católico foi o sistema quase único de trocas entre a sociedade e o sagrado”. Os argumentos de Brandão (1979) permitem compreender que a existência de cruzeiros localizados em várias propriedades e em cima da serra do Salgado, justificada pela fé das famílias e a consciência que a penitência era necessária para alcançar a Graça. Também a sacralização desses lugares para a prática dos rituais religiosos da época, se deve ao caráter autônomo das práticas religiosas da cultura camponesa.

Nesses locais as famílias se reuniam para agradecer as benções recebidas, realizar os pedidos e pagar penitência. Em muitos casos, as rezas aconteciam para pedir chuva e assim garantir uma boa colheita e pastagens para os animais. A figura 4A apresenta o cruzeiro na porta de uma das casas e a entrevistada fala com o coração cheio de fé e alegria que “erguer um cruzeiro é a coisa mais linda”. Depois da reza, a chuva sempre caía.

Em um dos batizados realizados na comunidade, o Frei anunciou a todos que a partir daquele dia todos deveriam reunir-se aos domingos sob a orientação

do Diácono Ivando Custódio Cabral, que na época era professor na comunidade (Martins; Rossi, 2014). A comunidade, abraçou a ideia e, a partir desse momento, uniram esforços para erguer a capela. Sob a liderança e orientação do Sr. Ivando Custódio Cabral, construíram um barracão coberto com folhas de bacuri, depois com telhas, onde realizaram, por algum tempo, as reuniões, as celebrações, as missas e as festas para arrecadar fundos para a construção da capela.

As memórias daquele tempo revelaram os mutirões e as festas, práticas muito comuns na comunidade. A entrevista I conta que as festas eram “Boa demais! Tinha leilão, brincadeira, bingo, uns binguim que fazia também, pescaria [...]”. Eventos que reunia toda a comunidade. Também as procissões e colocação da imagem de São Francisco de Assis e a primeira missa na Igreja (Figura 4B) está registrada não só na memória coletiva das famílias.

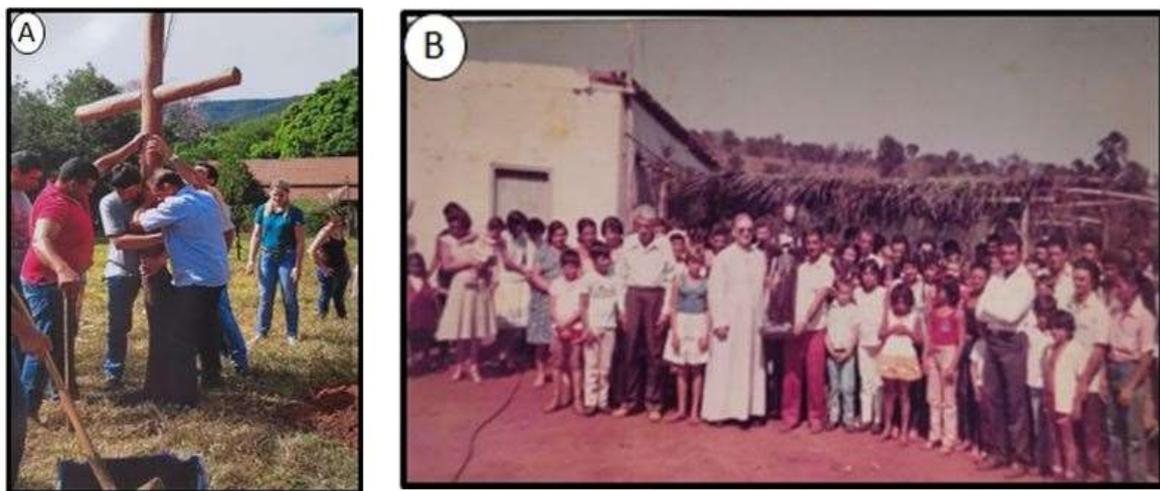


Figura 4: (A) Registro do momento em que se enguia o cruzeiro em uma das propriedades do Salgado; (B) Registro da procissão realizada no dia 04 de outubro de 1982 para inauguração da capela São Francisco de Assis.

Fonte: Acervo da família Cabral, 2023.

A construção da Igreja São Francisco de Assis representou para a comunidade um marco temporal e espacial, que influenciara tanto a dinâmica religiosa, como também a consciência política, econômica e social. A partir de então, a denominação de comunidade passa a ser reconhecida e utilizada pelos moradores. Desse modo, assim como os cruzeiros, a igreja, passa a ser um lugar

de encontro com o sagrado e de sociabilidade, e, por conseguinte, de acordo com Brandão (1979), o núcleo da comunidade.

Casas, grutas, cruzeiros, capelas, curvas de estrada – um deles tendia a ser o mais procurado, a exigir a festa anual mais concorrida, sob patrocínio dos moradores de mais posses e a se tornar, com o passar dos anos, o núcleo primitivo do lugar urbano da sociedade de fazendeiros capitalistas, assim como o espaço principal do culto católico, o da igreja matriz (Brandão, 1979, p.32).

A partir de Brandão (1979), podemos alocar o espaço ocupado pela venda “Cinco Irmãos” e o campo de futebol como um segundo núcleo da comunidade do Salgado, visto que é um lugar muito procurado pelos camponeses do Salgado. Tido como lugar de diversão e sociabilidade, onde além de ser um ponto de comércio, os camponeses se encontram nos finais de semana, para jogar bola, sinuca, ou tomar uma cerveja e comer um espetinho assado enquanto falam sobre os mais variados assuntos, desde o trabalho até os amores.

A constituição do segundo núcleo, no entanto, representa a continuação de uma tradição de família, que é igualmente uma tradição da comunidade, afirmada nas palavras do Sr. Ademar Vieira Cabral ao lembrar que “juntava muita gente na venda [do Sr. Rafaelim], tinha sete times de futebol. Tenho muita saudade daquele tempo [pausa] sinto não ter nenhuma fotografia daquela época” (Entrevista, 2023).

A venda de Rafaelim, fundada por volta de 1968, foi um local bastante frequentado pelos moradores do lugar e das regiões circunvizinhas, pois lá havia também um campo de futebol, sendo uma das únicas opções de diversão daquela época. A venda estava localizada nas proximidades de um pequeno afluente do Córrego Salgado denominado de Córrego da Canjica. Vendia quase de tudo, desde secos e molhados até roupas e remédios (Martins; Rossi, 2014, p.542).

Da antiga venda do Sr. Rafaelim, em 1990, os filhos do Sr. Orcalino e da Sra Flauzina e também sobrinhos do Sr. Rafaelim, constroem a venda “Cinco irmãos”, junto dela o campo de futebol (Figura 5). Localizado à margem direita

do córrego Salgado, nas proximidades do rio Preto, e se concretiza em um lugar onde congrega os jogos de futebol e os bailes, os quais, então, passam a fazer parte do calendário da comunidade.

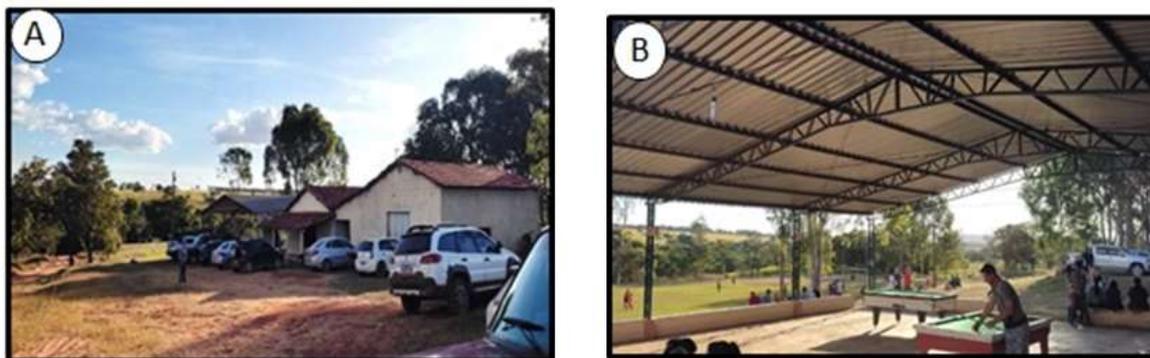


Figura 5: (A) Venda “Cinco Irmãos” e barracão de festa à esquerda; (B) Vista parcial do Campo de futebol localizado na lateral esquerda da venda.

. Fonte: Martins, Gladis Cabral, 2023.

Um olhar sobre este espaço no tempo, permite considerar que a existência da venda “Cinco Irmãos”, está ligada ao esforço da família em dar continuidade às tradições familiares. Para isso, retornar-se no tempo das festas conhecidas como bailes, pagode ou forró, que na maioria das vezes eram motivadas pelo trabalho (mutirão para fazer estradas, plantar e colher), noivados, casamento, festas religiosas (Divino Pai Eterno, São João e Quarto de Santa Luzia) ou quando as famílias se juntavam sem um motivo determinado.

O fato das famílias nucleares serem extensas, de acordo com os entrevistados de mais idade, logo a festa estava arranjada. Não necessitava, nesse caso, de uma data especial, visto que surgiam em muitos casos como uma estratégia para acomodar a família, como evidencia o relato:

Pá agazaiá o povo né? [risos] porque num tinha cômodu [espaço na casa] né? Pra aquilo tudo que chegava, então vamo dança? Vamo! Já tinha a turma tudo quais certa tamém, ali. Lá tamém tinha uns parente qui morava no Rii Verdi [Rio Verde], es inchia um caminhão de gente, de veis inquando espantava praquelas banda. Agora, cumo que vai durmi aquele mundo de gente? Dançava, né? Dançava até o sol raiá. Quando tinha mais poca

gente, que aí o sono asveis dominava, a gente escorava num canto lá e cabava de manhecê (Entrevista, 2023).

A animação dos bailes era realizada por pessoas da própria comunidade, haja vista que haviam não só especialista na carpintaria ou na medicina popular, mais na arte da música usada nos momentos oportunos, mesmo tendo a consciência de não ser profissional. “Eu toquei baile só eu! Num tinha o to sanfoneiro não! Que dizê que só num aprendi assim, pra fala que, se é pra fala que aprendeu, é otro pobrema. Agora, ocê fazê um barui assim lá por acaso já é diferente” (Entrevista, 2023).

O jogo de futebol, também nasce no contexto do trabalho e do costume de passear na casa dos parentes. O Sr. Ademar (2023), conta que “o primeiro campo de futebol era no João Domingo, no meio do Cerrado, tinha muitos filhos, o time já tava pronto [...]”. Nota-se que a quantidade de filhos favorecia não só o trabalho, mas igualmente a diversão. Com o tempo essas práticas se consolidam como um costume das famílias, motivando a institucionalização de espaços para atender as necessidades no campo do lazer.

A localização geográfica da comunidade também é um elemento importante para pensar o contexto em que as vendas surgem, pois, um ponto de comércio dentro da comunidade era importante para os moradores. As primeiras vendas ofereciam acesso a produtos essenciais sem que os camponeses precisassem se deslocar à cidade, uma vez que a distância, a precariedade das estradas e a falta de transporte eram acentuadas. A venda neste contexto se concretiza como oportuno para produção da sociabilidade camponesa e também como possibilidade de aumentar a renda familiar.

A modernização do campo no Cerrado, ocorrida na segunda metade do século XX, provocou transformações significativas no modo de vida camponês. Fatores sociais, como o esvaziamento da vida familiar e religiosa, a diminuição das atividades comunitárias que oportunizavam os encontros de outrora, impacta no tempo dos encontros, sobretudo dos bailes.

Mesmo diante deste contexto, observamos que, a tradição, como componente principal da venda Cinco Irmãos, conhecida como venda do “Salgado”, alinhavadas ao senso político dos sujeitos/as continua sendo fatores

mobilizadores dos encontros no tempo e espaços extracotidiano, como mostra a figura 6.



Figura 6: Convite do forró e do jogo de futebol realizado na venda do Salgado.

Fonte: WhatsApp da família Cabral, 2024.

Os eventos promovidos pela venda são acontecimentos esperados pelos sujeitos do lugar. Mencionado nas memórias dos mais velhos e presente ainda nos dias atuais como parte das vivências das famílias, participar desses eventos significa trazer sentido à vida, pelo prazer do encontro, como expressa Regina Valdirene Cabral “eu mesma nunca fui de entender de bola né? Eu gostava de ir pra lá pra tá junto. E também, igual eu tô falano, o negócio não era o jogo não! Era só o movimento mesmo, eu pelo menos era” (Entrevista, 2023).

Isso significa compreender que os bailes ou os jogos de futebol, apesar de acontecerem no plano da vivência, são conduzidos pela subjetividade que envolve os sentidos, assentados em padrões culturais criados pela lógica do parentesco estruturada no processo de construção da comunidade.

O movimento gerado pela venda, admite ponderar ainda que os camponeses incorporam a dimensão da contemporaneidade, pois utilizam-se principalmente das tecnologias, sobretudo as redes sociais para dinamizar a organização e divulgação dos eventos, atingindo um público dentro e fora da comunidade, inserindo o Salgado em um contexto espacial mais amplo. Desse modo, pode-se afirmar que a venda, através dos eventos, liga as famílias à comunidade, e esta, às regiões e cidades vizinhas.

O tempo dos bailes e dos torneios, atinge outros momentos da vida do camponês. O movimento de carros, motos se intensificam, denunciando uma reconfiguração na dinâmica das famílias. O cardápio sofre algumas mudanças nas casas, para acolher os filhos que estudam ou moram na cidade ou em regiões vizinhas. Isso não significa introduzir novos pratos, mas reforçar a culinária típica do camponês, como galinhada, macarronada ou mesmo o frango com pequi. Casa cheia, portanto, não é sinônimo de serviço para os camponeses, mas de alegria e satisfação.

Os jovens, depois de cumprir as obrigações de ordenhar o leite (manual ou mecânico) e realizar o trato dos animais, se deslocam para a venda. Uns porque fazem parte do time da região, outros porque ali é um lugar de encontrar os amigos, que na maioria dos casos são tios e/ou primos. Nem todos retornam para o almoço, ficam na venda o dia todo. Os pais em geral participam à noite, pois é necessário cumprir com as demais obrigações que demanda a atividade leiteira. A evidência reside no fato de que é raro encontrar os jovens em suas casas nos dias de eventos na venda ou mesmo nos finais de semana em que há treino ou torneios na venda.

Já na boca noite, como dizem os camponeses, o movimento na venda é contraditório. Enquanto uns estão saindo para tomar banho (geralmente os jovens), outros estão chegando para o baile (adultos e idosos). Há também aquele que ficam por ali o tempo todo, envolvidos em conversas, futebol e com a sinuca. A noite chega, e com ela pessoas das regiões e cidades vizinhas. Logo, os homens se juntam e retiram as mesas de sinuca e as cadeiras que ocupam o centro do barracão, e rapidamente o espaço fica livre para a dança.

Ao primeiro toque da sanfona do músico “Mixaria”, os pares enchem o salão (Figura 7). As músicas seguem o mesmo estilo, numa mistura do sertanejo raiz com o universitário. No salão não existe gerações, idosos, adultos e até as

crianças em pares seguem o ritmo e o compasso da sanfona. Instrumento que também animou os casamentos e as festas de mutirões de outrora.



Figura 7: Registro do forró na venda Cinco Irmãos.

. Fonte: Martins, Gladis Cabral, 2023.

Na venda, percebe-se que a participação da comunidade ultrapassa os interesses políticos. Para os camponeses as festas e os jogos de futebol, funcionam como uma oportunidade de se reunirem e reforçar a tradição/costume. Por outro lado, fica evidente que a ausência das motivações aos poucos impacta nos costumes cerceando os encontros. Daí a falta das lideranças dentro da comunidade se mostram como um fator relevante para a manutenção do costume.

A presença das crianças dentro do campo ou no salão de dança, permite compreender que essa tradição na comunidade do Salgado pode ser explicada na “realização de uma herança no porvir”. Neste sentido, a venda e o campo de futebol se mantêm como lugares não somente de histórias, mas de memórias e vivências, como enfatiza Nora (1981). Assim, pode ser visto como um lugar que

alimenta os vínculos das famílias com o lugar “comunidade”, contribuindo para a existência de ambas.

O fato é, que, a venda e o campo de futebol, como apresentado, continuam a cumprir a função de manter a atividade de lazer por meio dos encontros, promover a sociabilidade e de reproduzir a tradição que se manifestam por meio do forró e do futebol. Este último, com o tempo, se dilata e abarca os gêneros masculino e feminino, e ainda oportuniza momentos de lazer para os camponeses de ontem com jogos de veteranos.

De difícil acesso, em uma área entre o Rio Preto e a ferrovia Norte-Sul, à Noroeste da comunidade do Salgado, próximo à um pequeno tributário do Rio Preto, o cemitério hoje encontra-se isolado da comunidade. Cercado com placas de muro, entre a vegetação do Cerrado, é o lugar onde repousa memórias de um passado ainda presente nas lembranças dos camponeses da comunidade, herdeiros dos seus ancestrais.

Os túmulos são distribuídos de forma desordenada e estão voltados para o córrego. A maior parte das sepulturas possui somente uma cruz como referência, já deterioradas pela ação do tempo, sendo possível detectar datações a partir de 1979. Nas sepulturas mais recentes, os túmulos são construídos de alvenaria, sendo que alguns possuem revestimento cerâmico.

Também não é possível precisar a quantidade de sepulturas, pois a localização deste no fundo do vale, promove escoamento superficial volumoso das águas das chuvas da meia vertente, cortada pela estrada de ferro, invade o seu interior e promove erosão laminar. Muitas sepulturas ficam sem identificação, nem mesmo de sua localização. Outras, a referência é somente a cruz, não sendo possível identificar qual o ente que ali está enterrado (Figura 8).



Figura 8: Vista parcial do cemitério rural da Comunidade do Salgado.

. Fonte: Martins, Gladis Cabral, 2023.

Fazer o sepultamento em área rural, conforme contam os entrevistados, era um costume dos mais antigos. A Sra. Maria Luiza Cabral (2023), buscando pela memória comentou: “sei que lá foi que começou uma cerquinha pequena no meio. [...] sei que o primero que foi lá [sepultado] parece que foi a mãe da minha avó, enterrada num lugarzinho, depois um irmão meu”. Conta que depois foi crescendo sepultando outros de várias famílias Cabral. (Entrevistada B).

A fala da depoente mostra uma tradição que a memória não consegue abarcar, mas Tönnies (1947, p.33), explica que nas comunidades de base familiar, há uma forte crença na ancestralidade e na continuidade da linhagem, o que faz com que “[...] os mortos sejam venerados como espíritos invisíveis, como se ainda fossem poderosos e estendessem sua ação tutelar sobre as cabeças dos seus”. Essa crença contribui para a manutenção da unidade familiar e da comunidade de parentesco, já que os mortos são considerados como parte integrante dessa comunidade.

A vontade e o espírito de parentesco não se limitam, evidentemente, aos limites da casa e da proximidade no espaço, antes, quando são fortes e vivos, e por isso nas relações mais próximas e íntimas, podem nutrir-se, a partir da mera lembrança, apesar de toda distância, como o sentimento e a imaginação de estar perto e agir junto” (Tönnies, 1947, p.33, tradução nossa).

O pensamento do autor, permite destacar que os laços afetivos transcendem as barreiras do espaço e do tempo, adentrando ao espaço da memória, graças à lembrança e à sensação de pertencer à mesma linhagem e à mesma tradição, fortalecendo os vínculos com a terra, lugar da existência. Estes vínculos são tão intensos, que a entrevistada fala com muita convicção que quer ser enterrada no cemitério da comunidade, porque o seu lugar é junto dos pais, mesmo que em outras vidas.

As entrevistas revelam que as memórias estão ligadas às ancestralidades, na figura dos pais ou dos avós. Em todas as lembranças eles estão presentes. O cemitério, representa um lugar onde a memória se ancora, conforme escreve Nora (1981). As entrevistas demonstram que esse lugar representa um encontro com o passado e suas origens, mas também simboliza o fim de uma caminhada e o repouso ao lado de quem um dia esteve nesse chão de sentido. Desse modo, conforme descreve Tönnies (1947), os mortos podem ser considerados partes integrantes da comunidade.

O cemitério ainda é revelador dos modos de vida e de como os sujeitos se relacionam com o Cerrado. Um dedo de prosa com os entrevistados, e logo é possível entender que as lembranças do cemitério narram as vivências e experiências que fizeram do Salgado um lugar da existência de uma linhagem. Importante sublinhar, que as lembranças estão amarradas às formas de trabalho e reflete o orgulho dos conhecimentos e habilidades adquiridas nos tempos difíceis, mas considerados pelos camponeses como “bom”, “melhor que hoje”

Considerações finais

As análises empreendidas neste texto, a partir do conceito de lugar, permitem inferir que os camponeses do Salgado têm demonstrado capacidade de resistir na sua terra, por meio de estratégias localizadas e assentadas em seus modos de vida, consolidadas em processos históricos, nos quais lugares como a capela, a escola, o cemitério, a venda e o campo de futebol se constituem como a extensão do lar. E como tal, lugares de familiaridade e compartilhamento de crenças e costumes.

Desse modo, os lugares funcionam como base das relações sociais, que sustentados pelas práticas sociais, culturais e religiosas, além de consolidar a formação de dois núcleos rural, institucionalizam os espaços sagrados e culturais. Estes espaços, entretanto, não são simples vazios, existem e sobrevivem pelas suas substâncias emanadas das práticas religiosas e de lazer como as missas, os terços, os jogos de futebol e os bailes.

Portanto, são espaços que congregam memórias, histórias, vivências; abrangem saberes e experiências; evoca, cheiros, sons; imagens, e pertencimento. Portanto, ao comportarem materialidades e subjetividades, esses lugares promovem um diálogo entre o passado e o presente no “encontro” de gerações e famílias que se cruzam no movimento da vida, operando significativamente na afirmação dos laços familiares e a identidade sociocultural fortalecendo a existência da comunidade.

Referências bibliográficas

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Os deuses do povo: um estudo sobre a Religião Popular*. Campinas, SP: EDUFU, 3^a ed. 1979.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *No Rancho Fundo: espaços e tempos no mundo rural*. Uberlândia: EDUFU, 2009, 244 p.
- BUTTNER, Anne. Aprendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLLETI, Antônio. *Perspectiva da Geografia*. São Paulo: Difel, 1982.

BUTTNER, Anne. Aprendendo o dinamismo do mundo vivido”. In: CHRISTOFOLETTI, *A Perspectivas da geografia*. São Paulo: Difel, 1985. p. 165-193.

BUTTNER, Anne. Lar, horizontes de alcance e o sentido de lugar / Place, reach, and the sense of place. *Geograficidade: revista do Grupo de Pesquisa Geografia Humanista Cultural da UFF*, Niterói, Rio de Janeiro, v. 5, n.1, p. 4-19, Verão 2015. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/12915>. Acesso em: 20 set. 2022.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: FFLCH, 2007. 85 p.

CLAVAL, Paul. *A Geografia Cultural*. Trad. Luíz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. 3ª ed. Florianópolis: UFSC, 2007

CORRÊA, Roberto Lobato. A geografia cultural e o urbano. In: CORRÊA, R.L. e ROZENDHL, Zeny (org.). *Introdução à geografia cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

FERREIRA, Luiz Felipe. Acepções recentes do conceito de lugar e sua importância para o mundo contemporâneo. *Revista Território*, Rio de Janeiro, ano V, n.9, p. 65-83, jul./dez. 2000. Disponível em: <https://docplayer.com.br/20821724-Acepcoes-recentes-do-conceito-de-lugar-e-sua-importancia-para-o-mundo-contemporaneo-luiz-felipe-ferreira.html>. Acesso em: 09 dez. 20022.

HOLZER, Werther. Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente. *Revista Território*, ano II, n. 3, p. 77-85, jul./dez. 1997. Disponível em: https://pdfdocumento.com/uma-discussao-fenomenologica-sobre-os-conceitos-de-territorio_5a16b09d1723dd56b51d98e4.html. Acesso em: 03 de abr. 2024.

HOLZER, Werther. O lugar na Geografia Humanista. *Revista Território*, Rio de Janeiro, ano IV, n. 7, p. 67-78, jul./dez. 1999. Disponível em: https://scholar.google.com/citations?view_op=view_citation&hl=pt-

BR&user=hbdLHPMAAAAJ&citation_for_view=hbdLHPMAAAAJ:bEWYMUwI8FkC. Acesso em: 05 dez. 2022.

ISQUERDO, Aparecida Negri. O nome do município, um estudo etnolinguístico e sócio-histórico na toponímia Sul-Mato-Grossense. *Revista Prolíngua*, [S.l.], v. 2, n. 2, p. 34-52, jul./dez. 2008. Disponível em:

<https://periodicos.ufpb.br/index.php/prolingua/article/view/13403/7607>. Acesso em: 13 set. 2023.

LEITE, Adriana Figueira. O Lugar: duas Acepções Geográficas. *Anuário do Instituto de Geociências - UFRJ*, Rio de Janeiro, v. 21, n.1, p. 9-20, abr./maio. 1998.

MARTINS, Gladis Cabral; ROSSI, Reile Ferreira. Memória: subsídio na construção e conservação da identidade cultural da microrregião Salgado, Quirinópolis-GO. In: Urzedo, Maria da Felicidade Alves (org.). *Quirinópolis: Mãos e Olhares Diferentes (1832-2014)*. Goiânia: Kelps, 2014. p. 521- 546.

MELLO, João Batista Ferreira de. A humanística perspectiva do espaço e do lugar. *Revista ACTA Geográfica*, UFRR, Roraima, ano V, n.9, p. 07-14, jan./jun. 2011. Disponível em: <https://revista.ufrr.br/index.php/actageo/article/view/429>. Acesso em: 27 nov. 2022.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução: Yara Aun Khoury. *Projeto História*, São Paulo, v.10, p. 7-28, jul./dez., 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>. Acesso em: 12 set. 2023.

RELPH, Edward C. As bases fenomenológicas da Geografia. *Revista Geografia*, UNESP, v. 4, n. 7, p.1-25, 1979. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/view/14763/11395>. Acesso em: 22 de nov. 2022.

SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado*: fundamentos Teórico e metodológico da geografia. São Paulo: Hucitec, 1988.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço*: Técnica e Tempo. Razão e Emoção. 4. ed. 2. reimpr. São Paulo: Edusp, 2006. (Coleção Milton Santos; 1)

SEAMON, David. Corpo-sujeito, rotinas espaço-temporais e danças-do-lugar. *Geograficidade*: revista do Grupo de Pesquisa Geografia Humanista Cultural da UFF, Niterói, Rio de Janeiro, v.3, n.2, p. 4-18, Inverno 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/Maria%20Clara/Downloads/12861-Texto%20do%20Artigo-50564-1-10-20130909.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2022.

SEAMON, David. Lugarização vivida e a localidade do ser: um retorno à Geografia humanística? *Rev. Nufen*, Belém, v.9, n.2, p.147-168, mai./ago. 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rnufen/v9n2/a12.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2022.

SEEMANN, Jörn. A toponímia como construção histórico-cultural: o exemplo dos municípios do estado do Ceará. *Revista Vivência*, Natal, Rio grande do Norte, v. 29, p. 207-224, 2005. Disponível em: <https://docplayer.com.br/6879253-A-toponimia-como-construcao-historico-cultural-o-exemplo-dos-municipios-do-estado-do-ceara.html>. Acesso em: 22 fev.2023.

SILVA, Ludimila de Miranda Rodrigues. Geograficidades dos altos: toponímia e ruralidades dos Quilombos de Alto dos Bois (Minas Gerais) e Sítio Alto (Sergipe). In: MENEZES, Sônia de Souza Mendonça; ALMEIDA, Maria Geralda de; DEUS, José Antônio Souza de. (org.). *Novos usos do Espaço Rural e suas Resiliências*: Transformações e Ruralidades em Goiás, Minas Gerais e Sergipe. 1.ed. Aracaju, SE: Criação Editora, 2020. p. 289-312.

SOUZA, Edevaldo Aparecido. *Patrimônio Imaterial*: relações socioculturais camponesas em Pedra Lisa. Uberlândia: Ed. do Autor, 2015. 216 p.

SOUZA, Marcelo Lopes de, 1963. *Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013, 320 p.

SUESS, Rodrigo Capelle; RIBEIRO, Antônia da Silva Samir. O lugar na geografia humanista: uma reflexão sobre o seu percurso e questões contemporâneas – escala, críticas e cientificidade. *Revista Equador (UFPI)*, v. 6, n. 2, p.1-22, 2017. Disponível em: <http://www.ojs.ufpi.br/index.php/equador>. Acesso em: 29 nov. 2022.

SUESS, Rodrigo Capelle; LEITE, Cristina Maria Costa. Lugar e Geografia humanista: uma proposição para a Geografia escolar. *Geografia, Ensino & Pesquisa*, UFSM, v. 22, p. 01-11, 2018.

TAVARES, M.; VELASCO, D.O.B. Nomes de mulheres na toponímia urbana de Dourados-MS. *Web Revista SOCIODIALETO*, v. 10, n. 30, SER. 1, p. 315-328, 2020. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/sociodialeto/article/view/8010/5773>. Acesso em: 03 abr. 2024.

TÖNNIES, Ferdinand. *Comunidade y sociedad*. Tradução José Rovira Armengol. Buenos Aires: Losada, 1947. 321 p.

TUAN, Yi-fu. *Topofilia: Um estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente*. Tradução: Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1980.

TUAN, Yi-fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Tradução: Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

TUAN, Yi-fu. Espaço, tempo, lugar: um arcabouço humanista. *Geograficidade: revista do Grupo de Pesquisa Geografia Humanista Cultural da UFF, Niterói, Rio de Janeiro*, v. 1, n.1, p. 4-5, Verão 2011. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/12804/pdf>. Acesso em: 05 set. 2022.

TUAN, Yi-fu. Lugar: uma perspectiva experiencial/Place: na experiential perspective. *Geograficidade: revista do Grupo de Pesquisa Geografia Humanista Cultural da UFF, Niterói, Rio de Janeiro*, v. 8, n.1, p. 4-5, Verão 2018. Disponível em:

<https://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/27150/pdf>.

Acesso em: 21 set. 2022.

Gladis Cabral Martins

Professora da rede Estadual de Educação de Goiás. É mestranda em Geografia pela Universidade Estadual de Goiás – UEG, Câmpus Cora Coralina, Cidade de Goiás (GO); Especialista em Análises Ambientais pela Universidade Estadual de Goiás – UEG e Gestão da Educação Pública pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: gladis.martins@seduc.go.gov.br

Currículo lattes: <https://lattes.cnpq.br/2187759997936602>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-0394-7214>

Edevaldo Aparecido Souza

Docente da Universidade Estadual de Goiás - UEG, no Curso de Geografia do Câmpus Sudoeste e dos Programas de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Goiás (PPGEO/UEG) e da Universidade do Estado de Mato Grosso (PPGEO/UNEMAT). É Pós-Doutor pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus Três Lagoas; Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Campus Santa Mônica (2013) e Mestre em Geografia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) Júlio de Mesquita Filho, Campus Presidente prudente.

E-mail: edevaldo.souza@ueg.br

Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/5454426936516958>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2307-6257>

Lorraine Gomes da Silva

Doutora em Geografia. Professora do curso de Geografia e mestrado em Geografia (PPGEO) da Universidade Estadual de Goiás-UEG / Câmpus Cora Coralina. Pesquisadora e vice coordenadora do GIPAP.

E-mail: lorrannegomes@gmail.com

Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/3130563394184110>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3760-3705>

Recebido para publicação em maio de 2024.

Aprovado para publicação em junho de 2024.